

# Marxismo, capitalismo, socialismo

ANDRÉIA GALVÃO (ORG.)

São Paulo, Xamã, 2008, 271p.

Sérgio A. M. Prieb\*

A eclosão da crise do capitalismo mundial se, para muitos, foi uma surpresa, para os participantes do *Colóquio Marx e Engels* estava há muito tempo anunciada. Surgido em meio a uma conjuntura de predomínio quase absoluto das ideias neoliberais, o Centro de Estudos Marxistas da Unicamp (Cemarx/Unicamp) corajosamente realizou como um ato de resistência ao pensamento neoliberal o *1º Colóquio Marx e Engels*, em 1999. O sucesso do *1º Colóquio* foi seguido de mais três versões, em 2001, 2003 e 2005, sendo que, a partir deste último, passou a ter caráter de evento internacional.

Este livro é uma coletânea de alguns dos principais trabalhos apresentados no *4º Colóquio Internacional Marx e Engels* realizado em Campinas em 2005. Dividido em três seções, a primeira, “Questões sobre o capitalismo”, começa com o ensaio de Jacques Bidet, “A ‘forma mundo’ atual”, em que o autor discorre sobre as formas de luta presentes no capitalismo contemporâneo, tomando por base o *altermundialismo*. Dessa forma, Bidet considera que as lutas sociais não podem mais ser concebidas como o mero conflito entre a classe trabalhadora e a burguesia local. A luta anticapitalista de hoje deve ultrapassar as fronteiras, e o papel transformador cabe não mais ao operariado de cada país mas ao povo-

---

\* Professor do Departamento de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Santa Maria (sprieb@uol.com.br).

-*mundo*, que assume o papel de *cidadãos do mundo*, exigindo que a humanidade atue coletivamente no embate contra o capital global.

O texto de Gerald Duménil e Dominique Lévy busca fazer um redesenho da composição de classes sociais na atualidade, tomando como referência as experiências dos Estados Unidos e da França. O artigo destaca que duas classes sociais superiores coexistem sob o neoliberalismo, a capitalista e a gerencial. As relações entre essas duas classes têm variado de acordo com a experiência e a especificidade de cada país, com a classe gerencial, ora aproximando-se mais, ora afastando-se da classe capitalista. Por fim, os autores afirmam que a trajetória futura das duas classes dependerá das condições econômicas e do próprio rumo que a luta de classes irá tomar nos próximos anos.

Luciano Martorano busca as causas da apatia política que aflige os trabalhadores em praticamente o mundo todo, apatia essa que se manifesta seja na abstenção do voto nas eleições, seja na pouca participação nas ações políticas mais gerais. A causa desse fenômeno é atribuída à própria democracia burguesa e seus limites. Para Martorano, a plena participação política dos trabalhadores só irá ocorrer quando aqueles se encontrarem sob um regime verdadeiramente democrático, com a superação da democracia burguesa.

A segunda seção, “Debate sobre a transição socialista”, inicia-se com artigo de Domenico Losurdo no qual ele questiona as diversas teses que acusam a Revolução Russa de ter traído seus ideais, em especial por não ter adotado a teoria da revolução permanente de Trotski. Losurdo considera que da defesa da construção de um universalismo abstrato emerge o que classifica como um *messianismo anárquico*, incapaz de assumir e respeitar o particular, ou seja, as teses trotskistas estariam negando as especificidades do movimento revolucionário de cada país.

O artigo de Armando Boito Júnior visa discutir o que de fundamental ficou da experiência socialista do século XX. O autor considera que os principais erros cometidos na construção e mesmo no fracasso de parte dessa experiência (no caso da derrocada da URSS e das contradições da China) devem-se muito mais às condições de atraso daqueles países quando da deflagração de suas revoluções, do que propriamente de deformações de ordem política de seus dirigentes revolucionários.

Ainda na discussão sobre a transição, Hector Benoit discorre sobre o conceito marxista de transição. Para o autor, seguindo os textos clássicos de Marx, Engels e Lenin, essa teoria da transição só seria completa com a construção da revolução permanente. No caso da experiência soviética, a morte de Lenin, e o conseqüente descarte definitivo da teoria da revolução permanente na Rússia, a possibilidade do avanço da revolução mundial e do desenvolvimento pleno das forças produtivas e relações de produção seriam deixadas de lado.

A última seção do livro, intitulada “Marxismo, filosofia e ciências humanas” começa com o texto de Miriam Limoeiro Cardoso, “As ciências humanas e o espectro de Marx”, em que a autora adota a tese da existência de vários marxismos, tanto em termos teórico-políticos quanto em termos de práticas concretas e experiências históricas construídas. Cardoso enfatiza que, com as diversas inter-

pretações de Marx, muitos fazem uma leitura da obra marxiana como de caráter “esquemático, simplista, determinista, economicista”, negando, muitas vezes, seu caráter revolucionário.

A preocupação que apresenta Atilio Boron em seu ensaio é se, em meio à crise do socialismo real e das transformações do capitalismo do pós-guerra, teria o marxismo algo a oferecer à filosofia política atual. A opinião de Boron é que a própria sobrevivência da filosofia política está ligada à absorção e à assimilação de alguns pressupostos teóricos só encontrados na obra marxista. A insistência na negação da discussão do marxismo faz que nos afastemos da própria possibilidade de compreender a realidade a ser transformada. Daí a urgência, apontada pelo autor, da reintrodução do marxismo no debate filosófico-político atual.

Thamy Pogrebinski busca o sentido da verdadeira democracia em Marx, presente no conceito de *autodeterminação* em contraposição ao de *soberania*. Assim sendo, a *soberania* representa uma construção jurídica de caráter meramente ilusório, o objetivo de Marx é “substituir a decisão pela ação e a vontade pela liberdade”, o que não combina com a representatividade e a institucionalidade burguesas. Segundo a autora, a *autodeterminação* representa em Marx uma relação que afeta tanto a determinação individual quanto a comunal, sendo que é essa associação que acaba por efetivamente emancipar a humanidade.

Em “Marx e a procriação: por um materialismo não economicista”, Mauro Castelo Branco de Moura atribui à reprodução humana um papel tão destacado quanto o ocupado pelos fatores econômicos na busca pela compreensão da sociedade capitalista. O autor destaca que o pensamento marxista tem dado pouca ênfase ao processo de reprodução social, mesmo que em Marx a força de trabalho seja uma mercadoria especial, com a qualidade de ser determinante de valor das mercadorias em geral. Moura especula que a aproximação de Marx no fim da vida com os textos de Darwin e Morgan indica que o autor de *O capital* estaria buscando neles complemento teórico na elaboração da crítica da economia política.

Enquanto o texto de Moura é encerrado com a aproximação do pensamento de Marx com o de Darwin, é este o ponto de partida de Flávio Diniz Ribeiro em “Era Marx evolucionista?”. Ribeiro contrapõe-se às teses que buscam ver contradições substanciais entre textos de Marx e as teses evolucionistas; no entanto, o autor admite existirem o que considera *ambiguidades* na formulação teórica marxiana. E argumenta que a melhor maneira de tratar o assunto é deixar de lado o dogmatismo que tem prevalecido na discussão e voltarmos para a obra original de Marx.

Para encerrar, podemos afirmar que os textos reunidos nesta coletânea expressam bem a diversidade e a riqueza teórica que permeou as discussões no 4<sup>o</sup> *Colóquio Internacional Marx e Engels*. Assim, enquanto alguns artigos praticamente se complementam, outros apresentam entre si um claro confronto teórico no campo do pensamento marxista. Enfim, o livro expressa muito bem o que tem sido o *Colóquio* desde sua primeira versão: uma constante busca pelo aprofundamento teórico envolto em um imenso pluralismo de ideias que só mesmo o pensamento marxista permite criar.

PRIEB, Sérgio. Resenha de: GALVÃO, Andréia (Org.). Marxismo, capitalismo, socialismo. São Paulo, Xamã, 2008, 271p. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Unesp, n.29, 2009, p.153-155.

***Palavras-chave:*** Marxismo; Capitalismo; Socialismo.